



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Julho-Agosto 2026

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

JULHO: Pelo respeito da vida humana

Rezemos pelo respeito e pela protecção da vida humana em todas as suas etapas, reconhecendo-a como um dom de Deus.

AGOSTO: Pela evangelização na cidade

Rezemos para que, nas grandes cidades, muitas vezes marcadas pelo anonimato e pela solidão, encontremos novas formas de anunciar o Evangelho, descobrindo caminhos criativos para construir comunidade.

FÁTIMA | 20 de Setembro

Como já vai sendo habitual, no próximo dia 20 de Setembro, teremos o nosso **encontro anual, em Fátima**. Caso queira participar, por favor, entre em contacto connosco.

Será para nós um enorme gosto poder estar consigo neste dia em particular para juntos rezarmos pelos Cristãos que sofrem e são perseguidos.



Caros amigos, aproxima-se o dia 7 de Outubro, no qual crianças de todo o mundo se unirão para participar na nossa grande campanha de oração, **“Um milhão de Crianças rezam o Terço”**, pela paz e a unidade.

Por favor, ajude-nos a divulgar esta iniciativa junto dos seus amigos, familiares, escolas e paróquias.

Preparámos alguns materiais que poderá receber na sua morada para distribuir gratuitamente ou descarregar no site www.fundacao-ais.pt. Com a hashtag **#OneMillionChildrenPrayingtheRosary** poderá participar na campanha das redes sociais e divulgá-la.

Desta forma, podemos tornar a nossa união na oração visível em todos os continentes. Ficamos à vossa disposição para esclarecimentos.

Muito obrigado pela vossa colaboração nesta jornada de oração!

Tel. 21 754 40 00 (de 2ª a 6ª feira, das 09h00 às 18h00) ou apoio@fundacao-ais.pt

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
EDIÇÃO Alexandra Ferreira
FOTOS © AIS

CAPA Tempo de Férias
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

FÉ: A LUZ QUE PERMANECE ACESA

Vivemos num tempo de grandes avanços tecnológicos, de acesso imediato à informação e de inúmeras possibilidades de escolha. Paradoxalmente, muitos homens e mulheres sentem-se perdidos, inseguros e sem referências sólidas para orientar a própria vida. Neste contexto, a virtude da fé continua a revelar-se profundamente actual.

A tradição cristã distingue as chamadas virtudes cardeais — prudência, justiça, fortaleza e temperança — das virtudes teologais: fé, esperança e caridade. As primeiras ajudam-nos a viver rectamente no mundo; as segundas ligam-nos directamente a Deus. Nos próximos meses iremos reflectir sobre cada uma delas.

Entre estas virtudes, a fé ocupa um lugar fundamental. O Catecismo da Igreja Católica ensina que a fé é a resposta livre do homem a Deus que Se revela. Não se trata apenas de acreditar em algumas verdades religiosas, mas de confiar a própria vida a Deus.

Numa das suas catequese sobre as virtudes teologais, o Papa Francisco

afirmou: *“A fé é a virtude que faz o cristão.”* E acrescentou: *“Ser cristão não é antes de tudo aceitar uma cultura (...), mas acolher e preservar um vínculo com Deus.”* (Audiência geral, 01-05-2024)

Estas palavras ajudam-nos a compreender que a fé não é uma ideia, uma tradição familiar ou um conjunto de práticas. É uma relação viva com Cristo.

Onde encontramos hoje a fé?

Muitas vezes procuramos sinais extraordinários da fé, mas ela manifesta-se sobretudo em gestos simples e discretos. Encontramo-la na mãe que reza diariamente pelos filhos afastados da Igreja. No jovem que continua a acreditar no Evangelho num ambiente onde a fé é ridicularizada. No sacerdote que permanece junto da sua comunidade em contextos de perseguição. No doente que oferece o seu sofrimento a Deus sem perder a esperança.

A Fundação Ajuda à Igreja que Sofre conhece bem estes testemunhos. Em muitos países, cristãos enfrentam discriminação, violência ou perseguição por

causa da sua fé. Na Nigéria, por exemplo, inúmeras famílias foram obrigadas a abandonar as suas casas devido aos ataques de grupos armados. Apesar disso, muitos continuam a reunir-se para rezar, celebrar a Eucaristia e transmitir a fé aos seus filhos.

Após uma visita a campos de deslocados internos naquele país, Maria Lozano, responsável internacional de comunicação da Fundação AIS, afirmou: *“Apesar de todas as dificuldades, eles continuam a ter uma fé forte e esperam no apoio de Deus.”*

Esta frase poderia parecer simples, mas ganha uma força extraordinária quando sabemos que foi pronunciada após encontros com famílias que perderam tudo: casas, terras, meios de subsistência e, em muitos casos, familiares. E, no entanto, não perderam a fé.

Um dos maiores desafios actuais não é a oposição directa à fé, mas a indiferença. Muitas pessoas vivem como se Deus não existisse, não por rejeição consciente, mas porque o ritmo da vida deixa pouco espaço para as perguntas fundamentais.

Por isso, a fé continua a ser uma virtude profundamente actual. Ela ajuda-nos a responder às grandes questões da existência: Quem sou? Para que vivo? Onde encontro sentido para o sofrimento, para o amor e para a morte?

O Papa Francisco observava que o grande inimigo da fé não é a inteligência nem a razão, mas o medo. O medo do futuro, da fragilidade, da perda, da solidão. A fé não elimina essas realidades, mas permite enfrentá-las com confiança, porque nos recorda que Deus caminha connosco.

A fé não oferece respostas fáceis para todos os problemas. Também não dispensa o esforço humano, o estudo ou a responsabilidade. Mas oferece algo essencial: a certeza de que não caminhamos sozinhos.

Ao longo da história, os santos compreenderam esta verdade. Também hoje, milhares de cristãos anónimos a vivem diariamente. A fé torna-se então uma luz discreta, mas firme; uma chama que continua acesa mesmo quando o vento sopra forte.

Num mundo marcado pela incerteza, talvez o maior testemunho que os Cristãos possam oferecer seja precisamente este: a fé firme de quem sabe que a última palavra não pertence ao medo, nem ao sofrimento, nem à morte, mas a Deus.

Pe. José Carlos Nunes
*Assistente Espiritual
da Fundação AIS*

Superfície:

881.912 km²

População:

247,5 milhões

Religiões:

Muçulmanos: 96,8 %

Cristãos: 1,7 %

Hindus: 1,2 %

Religiões
tradicionais: 0,1%

Agnósticos: 0,1 %

Outros: 0,1 %

Língua:

Urdu e inglês



PAQUISTÃO

EM SOCORRO DOS PAQUIISTANESES

Um decreto proíbe, a partir de agora, o casamento de menores, no estado paquistanês do Punjab. Uma vitória modesta para os defensores dos direitos das mulheres.

Naeem Yousaf Gill, director da Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP), saudou o decreto de quarta-feira, dia 11 de Fevereiro, que eleva para 18 anos, no estado do Punjab, a idade legal para o casamento das mulheres. Todo o paquistanês que

desposar uma menor será, de agora em diante, passível de uma pena de prisão que poderá ir até sete anos. Mas, Naeem Yousaf Gill continua realista a respeito do alcance efectivo desta lei.



Dada a sua função, é regularmente confrontado com o testemunho de famílias cristãs enlutadas, cuja filha foi raptada, desposada e convertida à força ao Islão. Os raptadores alegam, geralmente, que as vítimas dão o seu consentimento e proibem-nas de comunicar com os familiares. A CNJP calcula que 1.000 raparigas sejam raptadas todos os anos desta forma. Têm geralmente entre 12 e 14 anos, às vezes ainda menos, e já foi referenciado pela comissão o caso de uma menina de 6 anos.

Tais práticas são, teoricamente, proibidas pela lei constitucional paquistanesa. Com efeito, o país é signatário de diversos acordos, como a Associação Asiática para a Cooperação Regional (SAARC) ou

ainda o Apelo à Acção, de 2014, para acabar com o casamento das crianças de Katmandu. Certos políticos, como o governador do Punjab este ano ou o de Sindh anteriormente, impõem decretos que permitem caminhar neste sentido.

Mas estes decretos arriscam-se a ser insuficientes, lamenta Naeem Yousaf Gill, pois no Paquistão, a lei oficial, aprovada pelos representantes democraticamente eleitos, coexiste com a sharia. O Paquistão, à letra “país dos puros”, fundado em 1947, reúne etnias e culturas diversas, que só tinham em comum o Islão, se bem que esta religião faça parte do ADN da nação. Por consequência, se um religioso se apoia no Corão para refutar uma lei votada democraticamente,



Meninas cristãs do distrito de Karachi.

é difícil contradizê-lo. Ele fala em nome de leis supostamente escritas pelo próprio Deus, ao passo que os representantes do povo Paquistanês são apenas homens.

Assim, o deputado e clérigo de um escalão superior, Maulana Fazlur Rehman, manifestou-se publicamente contra o decreto que proíbe o casamento de crianças e garantiu que ele mesmo iria desposar duas meninas de 10 anos para se opor à nova lei, que considera anti-islâmica e contrária à sharia. Não foi condenado pelas suas declarações provocadoras.

A hibridação contranatura de um Estado moderno com a sharia, baseada no modelo do antigo

colonizador britânico, gera situações impossíveis. Deu origem a um organismo como o Conselho de Ideologia Islâmica. Trata-se de um órgão cuja existência está escrita na Constituição e que proporciona uma assessoria jurídica ao Governo e ao Parlamento. Os seus pareceres devem estar “de acordo com os princípios e conceitos islâmicos como escritos no Corão e na Sunna”.

Ora, os representantes deste organismo asseguraram que a jurisprudência islâmica não prevê a interdição do casamento de menores. O seu parecer é consultivo, pelo que, em teoria, pode ser ignorado, mas os juízes e polícias que terão de aplicar as leis paquistanesas podem ser tentados a colocar a fidelidade aos



Naeem Yousaf Gill,
director executivo
da Comissão
Nacional Justiça e
Paz do Paquistão.

chefes religiosos acima daquela que devem ao seu Governo.

Naeem Yousaf Gill constata isso no seu trabalho para a CNJP. Os raptos de raparigas cristãs podem obter certificados de casamento junto de religiosos. Quando as famílias, para salvar as suas filhas, vêm apresentar queixa, os raptos podem defender-se apresentando este tipo de documento. “A polícia fica impossibilitada de agir e prefere, muitas vezes, pressionar as famílias para que retirem as suas queixas”, lamenta.

Oração

*Para que no Paquistão se continue a lutar pela dignidade e pelos direitos das meninas e das mulheres cristãs, **nós Te pedimos Senhor.***

A COMISSÃO DOS OPRIMIDOS

Fundada em 1985 pela Igreja Católica, a Comissão Nacional Justiça e Paz tem como vocação defender as minorias religiosas. Tem uma missão de informação, perante as injustiças cometidas contra estas comunidades vulneráveis. Esta comissão toma também a defesa das pessoas que são injustamente acusadas. Destacou-se no seu apoio aos inocentes condenados por blasfémia, como Asia Bibi. O seu trabalho inclui também uma vertente política, com um incentivo para reformar o sistema educativo, em especial eliminando dos manuais escolares os conteúdos que incitam ao ódio.



SANTA MÓNICA, A MULHER QUE SANTIFICOU A SUA FAMÍLIA – 27 de Agosto

Santa Mónica, mãe de Santo Agostinho, o grande mestre da sabedoria sagrada, era natural de África. Foi duplamente mãe do santo, pois não só lhe deu a vida terrena, mas também a vida espiritual, regenerando-o para o Céu.

Os pais dela, cristãos e de boas condições, educaram-na na modéstia e na virtude. **Desde a infância, dedicou-se a exercícios de piedade.** Tendo ouvido de sua mãe como é agradável aos olhos de Deus vencer o sono da noite e passar o tempo em oração, começou logo a levantar-se durante a noite e a rezar. Também não era menos dedicada aos pobres. Privava-se muitas vezes de comer para suprir as necessidades dos indigentes.

Mónica nunca demonstrou qualquer prazer em enfeitar-se em vão, mas vestia-se sempre de acordo com a sua posição social. Em todas as suas palavras e acções, esforçava-se por ser decente e reservada. Quando adulta, desejava viver na pureza virginal, mas era obediente aos pais, que preferiam que ela se casasse.

Como esposa, a sua conduta foi tão exemplar que pode ser considerada um modelo para todas as pessoas casadas. Patrício, o seu marido, atormentava a piedosa mulher de inúmeras maneiras, pois era de temperamento violento, imoral e propenso a muitos vícios. Mónica, no entanto, tratava-o sempre com amor e doçura, nunca o censurando pelos seus vícios. Jamais o contrariava quando ele, entregue à paixão, começava a barafustar; ao contrário, esperava que a cólera passasse e expunha-lhe as faltas com serenidade cristã.

Rezando incessantemente a Deus pela conversão do esposo, a santa mulher transformou-o tão completamente que ele finalmente passou a levar uma vida muito edificante. As suas vizinhas, que conheciam o temperamento apaixonado de Patrício, admiravam-se muitas vezes de que ele nunca a tivesse agredido ou tratado brutalmente, como os seus maridos faziam com elas. Mas Mónica explicava-lhes a razão disso e ensinava-as a ser submissas aos esposos, a tratá-los com amor e doçura e, sobretudo, a nunca os contradizer quando estivessem zangados, suportando as suas faltas com paciência e silêncio.

Mónica estava igualmente empenhada em viver em amor e paz com o marido, assim como estava decidida a não permitir conflitos e contendas na sua casa, e muito menos outros vícios. Teve três filhos, dois rapazes e uma menina, e a sua maior preocupação foi dar-lhes uma educação cristã. Porém, Agostinho, o primogénito, não foi obediente, sobretudo depois da morte do pai: levava uma vida desregrada e dissoluta, sem atender às admoestações, súplicas e advertências da sua piedosa mãe; até que, por fim, caiu na heresia dos maniqueus.

Enquanto isso, Mónica vivia a viuvez de acordo com os preceitos que São Paulo dá na primeira epístola ao discípulo Timóteo: era generosa para com os pobres, assistia diariamente à Santa Missa, escutava avidamente a Palavra de Deus. Não se dedicava a mexericos ociosos, nem a passear; mas lia livros de devoção, rezava e trabalhava. Não lhe interessavam os prazeres mundanos e muito menos as roupas finas ou outras vaidades.

Amava a solidão e levava uma vida discreta e tranquila, tendo como único problema a conduta viciosa do filho. **Desfazendo-se em lágrimas, rezava quase dia e noite a Deus pela conversão de Agostinho, e pedia a outros cristãos, tanto clérigos como leigos, que rezassem pelo mesmo objectivo.** Um dia, ao pedir as orações de um bispo, este disse-lhe: *“Vai em paz, um filho por quem a mãe derrama tantas lágrimas não pode perecer.”* Tais palavras deram-lhe algum conforto, mas ela sentiu-se ainda mais consolada por uma visão em que Deus lhe anunciava claramente a conversão do filho.

Entretanto, Agostinho desejava sair de Cartago, onde tinha estudado retórica, e seguir para Roma. Mónica tentou impedi-lo de ir, mas Agostinho partiu secretamente enquanto ela estava na igreja. No entanto, mal tinha chegado a Roma, ficou

gravemente doente e atribuiu às orações da sua mãe o facto de não ter morrido enquanto estava mergulhado no pecado, certamente destinado à perdição eterna.

Assim que Mónica soube onde estava o filho, decidiu ir procurá-lo para poder cuidar dele. Quando, depois de uma viagem marítima muito perigosa, chegou a Milão, encontrou-o lá, pois tinha sido chamado de Roma para ensinar retórica. Foi então que **ela percebeu com alegria que tinha sucedido uma mudança em Agostinho**, graças às conversas do filho com Santo Ambrósio, que, naquela época, era Bispo de Milão. Mónica suplicou ao bispo que não abrandasse o interesse pelo seu filho, até que ele se convertesse completamente.

Por fim, Deus, na Sua misericórdia, atendeu ao desejo da santa viúva. Agostinho renunciou à heresia maniqueísta e foi baptizado por Santo Ambrósio aos 30 anos de idade. Pode dizer-se, verdadeiramente, que essa conversão foi fruto das orações e das lágrimas de Santa Mónica. A consolação que ela recebeu por causa da conversão do filho pode ser mais facilmente imaginada do que descrita.

Pouco depois deste acontecimento, ela decidiu voltar com Agostinho para África, mas, tendo chegado a Óstia, onde foram obrigados a esperar pela oportunidade de continuar a viagem, foi acometida de uma febre leve. Inicialmente, não parecia algo perigoso, e o próprio Agostinho conta como foi edificante uma conversa que teve com a sua santa mãe sobre as glórias do Céu. Ela terminou a conversa com as seguintes palavras: ***“Meu filho, no que me diz respeito, nada mais espero deste mundo. Só tinha um desejo, que era ver-te católico antes de morrer. Deus concedeu-me mais do que eu pedia, porque vejo que não só o serves, mas que desprezas toda a felicidade terrena. Que me resta, pois, fazer na terra?”***

Nesse meio tempo, a doença agravou-se tão rapidamente que, nove dias depois, Santa Mónica, que há tanto tempo suspirava pelo Céu, entregou a sua alma, adornada com tantas virtudes, nas mãos do seu Criador, aos 56 anos de idade. Santo Agostinho relata da seguinte forma o que Mónica pediu antes de morrer aos seus dois filhos que estavam com ela: *“Depositai o meu corpo onde quiserdes, e não permitais que nenhum pensamento vos perturbe. Só vos peço uma coisa: lembrai-vos de mim diante do Altar do Altíssimo, onde quer que estejais.”*

Ele descreve também como, depois de colocarem o corpo da sua santa mãe junto à sua sepultura aberta, lá ofereceu pelos mortos o sacrifício da nossa Redenção, a Santa Missa, antes de a enterrarem. Uma prova clara de que, naquela época remota, eles também acreditavam no Purgatório e rezavam pelos mortos, como nós, católicos, ainda fazemos hoje.

In <https://padrepauloricardo.org/blog/a-mulher-que-santificou-sua-familia>



O Cansaço Passará e o Repouso Chegará

Queridos irmãos e irmãs

(...) Na liturgia hodierna, a Primeira Leitura e o Evangelho falam-nos de hospitalidade, de serviço e de escuta (cf. Gn 18, 1-10; Lc 10, 38-42).

No primeiro caso, Deus visita Abraão na pessoa de “três homens” que se dirigem à sua tenda “durante as horas quentes do dia” (cf. Gn 18, 1-2). Podemos imaginar a cena: o sol escaldante, a calma do deserto, o calor intenso e os três desconhecidos que procuram abrigo. Abraão, sentado “à porta da sua tenda”, está no lugar de anfitrião, e é muito bonito ver como exerce a sua função: reconhecendo nos visitantes a presença de Deus, levanta-se, corre ao seu encontro, prostra-se por terra, pede-lhes que se detenham. E, assim, toda a cena ganha vida. A tranquilidade da tarde é preenchida com gestos de amor que envolvem não só o Patriarca, mas também Sara, sua mulher, e os servos. Abraão não está já sentado,

mas “de pé junto dos estranhos, debaixo da árvore” (Gn 18, 8), e aí Deus dá-lhe a notícia mais bonita que poderia esperar: “Sara, tua mulher, terá já um filho” (Gn 18, 10).

A dinâmica deste encontro pode fazer-nos reflectir: Deus escolhe o caminho da hospitalidade para encontrar Sara e Abraão e para lhes anunciar o dom da sua fecundidade, que eles tanto desejavam e já nem sequer esperavam. Depois de tantos momentos de graça em que anteriormente os tinha visitado, volta a bater-lhes à porta, pedindo acolhimento e confiança. E aqueles dois idosos respondem positivamente, sem saber ainda o que está para acontecer. Reconhecem nos misteriosos visitantes a Sua bênção, a Sua própria presença. Oferecem-Lhe o que têm – comida, companhia, serviço e a sombra de uma árvore –, e recebem a promessa de uma vida nova e de uma descendência.

Embora em circunstâncias diferentes, o Evangelho fala do mesmo modo de agir de Deus. Também aqui, Jesus Se apresenta como hóspede em casa de Marta e Maria. Não é um desconhecido: está em casa de amigos e o ambiente é de festa. Uma das irmãs acolhe-o com mil atenções, enquanto a outra o escuta sentada a seus pés, com a atitude típica do discípulo perante o mestre. Como sabemos, às queixas da primeira, que gostaria de receber alguma ajuda em questões práticas, Jesus responde convidando-a a apreciar o valor da escuta (cf. Lc 10, 41-42).

No entanto, seria errado ver estas duas atitudes como contrapostas entre si, bem como fazer comparações em termos de méritos entre as duas mulheres. Com efeito, o serviço e a escuta são duas dimensões gémeas do acolhimento.

Em primeiro lugar, na nossa relação com Deus. Na verdade, se é importante que vivamos a nossa fé com acções concretas e com a fidelidade aos nossos deveres, segundo o estado e a vocação de cada um, é também fundamental que o façamos a partir da meditação da Palavra de Deus e da atenção ao que o Espírito Santo sugere ao nosso coração, reservando, para isso, momentos de silêncio, momentos de oração, tempos em que, silenciando ruídos e distrações, nos reunimos diante d’Ele e construímos a unidade em nós mesmos. Esta é uma dimensão da vida cristã que hoje temos particular necessidade de recuperar, seja como valor pessoal e comunitário seja como sinal profético para o nosso tempo: dar lugar ao silêncio, à escuta do Pai que fala e “vê o oculto” (Mt 6, 6). Neste sentido, os dias de Verão podem ser um tempo providencial para experimentar como é bela e importante a intimidade com Deus, e como ela pode também ajudar-nos a ser mais abertos e acolhedores uns para com os outros.

São dias em que dispomos de **mais tempo** livre, tanto **para nos recolhermos e meditarmos**, como para **nos encontrarmos**, deslocando-nos e visitando-nos reciprocamente. **Saindo do turbilhão dos compromissos e das preocupações, aproveitemo-los para saborear alguns momentos de sossego e recolhimento, bem como para, indo a algum lado, partilhar a alegria de nos vermos** – como acontece comigo, hoje e aqui. **Façamos disto uma oportunidade para cuidarmos uns dos outros, para trocarmos**

experiências, ideias, para nos compreendermos mutuamente e darmos bons conselhos: isto faz-nos sentir amados, e todos precisamos de tal. Façamo-lo com coragem. Deste modo, na solidariedade, na partilha da fé e da vida, promoveremos uma cultura de paz, ajudando também aqueles que nos rodeiam a superar divisões e hostilidades e a construir a comunhão entre pessoas, povos e religiões.

O Papa Francisco disse que “se quisermos saborear a vida com alegria, devemos associar estas duas atitudes: por um lado, «estar aos pés» de Jesus, para o ouvir enquanto Ele nos revela o segredo de tudo; por outro, estar atentos e prontos na hospitalidade, quando Ele passa e bate à nossa porta, com o rosto do amigo que tem necessidade de um momento de conforto e fraternidade” (*Angelus*, 21 de Julho de 2019). Disse estas palavras, de resto, poucos meses antes que a pandemia começasse. E, neste sentido, quanto nos ensinou aquela longa e dura experiência, que ainda hoje recordamos.

Naturalmente, tudo isto implica **fadiga**. O serviço e a escuta não são sempre fáceis: exigem empenho, capacidade de renúncia. Por exemplo, na escuta e no serviço, a fidelidade e o amor com que um pai e uma mãe orientam a sua família implicam fadiga, o mesmo acontece com o empenho dos filhos, em casa e na escola, para corresponder aos seus esforços; é exigente o compreendermo-nos uns aos outros quando temos opiniões diferentes, o perdoarmo-nos quando se erra, o assistirmo-nos quando se está doente, o apoiarmo-nos quando se está triste. **Mas só assim, com estes esforços, se constrói algo de bom na vida; só assim nascem e crescem relações autênticas e fortes entre as pessoas, e a partir de baixo, da quotidianidade, o Reino de Deus cresce, se difunde e se experimenta já presente** (cf. Lc 7, 18-22).

Santo Agostinho, ao reflectir sobre o episódio de Marta e Maria, comentou num dos seus discursos: “Nestas duas mulheres estão simbolizadas duas vidas: a presente e a futura; uma vivida na fadiga e a outra no repouso; uma atribulada, a outra bem-aventurada; uma temporária, a outra eterna” (Sermão 104, 4). E pensando no trabalho de Marta, Agostinho disse: “Quem na terra está isento deste serviço de cuidar dos outros? Quem na terra consegue descansar destas tarefas? Procuremos desempenhá-las de forma irrepreensível e com caridade [...]. O cansaço passará e o repouso chegará; mas o repouso só chegará por meio do cansaço. A barca passará e a pátria chegará; mas não se chegará à pátria senão por meio da barca” (ibid., 6-7).

Abraão, Marta e Maria recordam-nos hoje precisamente isto: que a escuta e o serviço são duas atitudes complementares para, na vida, nos abirmos à presença abençoadora do Senhor. O seu exemplo convida-nos a conciliar com sabedoria e equilíbrio, ao longo de cada dia, contemplação e acção, repouso e fadiga, silêncio e trabalho, tendo sempre como medida a caridade de Jesus, como luz a Sua Palavra e como manancial de força a Sua graça, que nos sustenta para além das nossas próprias capacidades (cf. Fl 4, 13).



SANTUÁRIOS EM PORTUGAL

Santuário da Senhora da Agonia (Viana do Castelo)

O **Santuário de Nossa Senhora da Agonia**, situado em Monserrate, Viana do Castelo, é um dos mais emblemáticos lugares de devoção mariana da região, profundamente enraizado na história, na fé e na tradição. Dedicado a Nossa Senhora da Agonia, cuja imagem é venerada como protectora e intercessora nos momentos de maior dificuldade e sofrimento, este santuário tornou-se um verdadeiro **símbolo de esperança e confiança em Maria**, não apenas para Viana do Castelo, mas para todo o Minho.

A Confraria de Nossa Senhora da Agonia, fundada há várias décadas, tem como missão principal promover a **devoção à Padroeira**, organizar as celebrações religiosas em sua honra, zelar pelo santuário e apoiar a comunidade nas suas necessidades espirituais e sociais. É composta por homens e mulheres de fé, que, com dedicação e espírito de serviço, procuram preservar esta tradição, mantendo viva a cultura religiosa e fortalecendo os laços de fraternidade entre Igreja e comunidade.

Mais do que um espaço de oração e reflexão, o santuário é também o coração das **grandes festas em honra de Nossa Senhora da Agonia**, que todos os anos atraem milhares de peregrinos e devotos. Nestes dias solenes, a cidade enche-se de fé, música, cor e emoção, num testemunho único de religiosidade popular.

O Santuário é igualmente um **lugar de acolhimento e encontro com Deus**, onde cada pessoa pode sentir a presença materna de Maria, encontrar consolo nas dificuldades e força para o caminho da vida.

A Confraria convida todos a conhecer este espaço sagrado e a fazer parte da sua missão de **espalhar luz e esperança**, inspirando gerações de cristãos a viver a fé com mais intensidade, confiança e compromisso. A Confraria tem o fim principal de promover o culto e a devoção a Nossa Senhora, particularmente sob a invocação de Nossa Senhora da Agonia.

UM CULTO MARIANO QUE REMONTA AO SÉC. XVIII

A **Festa da Senhora da Agonia**, talvez a mais célebre romaria da região, é celebrada no fim-de-semana posterior a 15 de Agosto (dia da Solenidade da Assunção da Virgem), e inclui habitualmente cortejos etnográficos, procissões terrestres, e procissões fluviais no rio Lima com embarcações engalanadas. As ruas da cidade por onde desfila o cortejo religioso que transporta a imagem da Virgem são decoradas com tapetes de flores.

O culto votado à Senhora da Agonia remonta ao séc. XVIII. Está associado à devoção das gentes ligadas à pesca, que agradeciam ou celebravam as graças recebidas em momentos difíceis durante as tempestades ou os naufrágios.

No local do actual santuário fora anteriormente construída, em 1674, uma capela dedicada ao Bom Jesus do Santo Sepulcro do Calvário. No início do século XVIII, já estava porém votada ao culto mariano, sendo referida em 1706 como Capela de Nossa Senhora da Soledade, e em 1744 já com o actual título de Nossa Senhora da Agonia. Na segunda metade desse século a capela primitiva foi ampliada e deu origem à presente igreja, que foi benzida em 1759. Em 1783 passou a ser celebrada



todos os anos uma Missa Solene a 20 de Agosto, data que viria a tornar-se feriado municipal e que estará na origem da romaria.

Durante o século XIX, o edifício sofreu várias intervenções e ampliações, incluindo a construção da actual escadaria central. No interior, a nave apresenta uma planta octogonal, com a capela-mor no seu enfiamento. Os retábulos e o púlpito estão decorados com a chamada “talha gorda” bracarense. A tribuna representa o cenário do Calvário, com a imagem de Nossa Senhora da Agonia no cimo. Podem admirar-se vários quadros a óleo com retratos de evangelistas e cenas da Paixão de Cristo, da autoria do pintor italiano Pascoal Parente, bem como um órgão setecentista. O mais antigo ex-voto data de 1733.

Nos anexos da igreja situam-se a casa do capelão, situada por cima da sacristia, e a sala do Consistório, onde estão expostos vários retratos de benfeitores. A torre traseira, erguida em 1868, manteve-se deslocada do corpo do edifício para não obstar às voltas dos romeiros.

Os pontos altos da romaria da Senhora da Agonia, que leva tantos visitantes a Viana do Castelo são o cortejo etnográfico, o desfile de “gigantones” e “cabeçudos” e, por último, a festa do traje.

In paroquiamonserrate.com e Santuário da Senhora da Agonia | www.visitportugal.com

PORTUGAL

Pela primeira vez, a Fundação AIS assinou o Dia do Benfeitor na cidade do Porto, num encontro que reuniu, a 12 de Junho, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, quase uma centena de amigos da instituição pontifícia na Igreja do Marquês. O Padre Rubens Marques lembrou que a Ajuda à Igreja que Sofre “é o braço estendido da Igreja em caridade junto dos que estão nas periferias mais perigosas” do mundo. Na ocasião, o sacerdote disse, que “a verdadeira devoção ao Sagrado Coração de Jesus significa proximidade com aqueles que estão nas periferias da sociedade”.

NIGÉRIA

O Bispo Bulus Yohanna de Kontagora, congratulou-se, no início de Junho, com as notícias de que as forças de segurança nigerianas detiveram indivíduos alegadamente envolvidos no rapto em massa ocorrido a 21 de Novembro do ano passado na Escola Católica St. Mary, em Papiri, na Diocese de Kontagora. Na ocasião, recorde-se, 265 alunos e membros do pessoal docente foram raptados num crime que chocou o país e chamou a atenção internacional para a crescente insegurança que afecta muitas comunidades nigerianas. Durante semanas, o Bispo Bulus Yohanna apelou à oração e exigiu justiça para as vítimas e as suas famílias. A detenção dos suspeitos representa um passo importante para o esclarecimento de um dos ataques mais graves sofridos por uma instituição de ensino católica nos últimos anos.

R. D. CONGO

Missionários Combonianos presentes no norte da República Democrática do Congo denunciaram à Fundação AIS uma ofensiva terrorista na província do Alto Uele. A ofensiva, desde o final de Maio, provocou a fuga de centenas de pessoas que, entretanto, foram acolhidas em missões católicas. Muitas povoações ficaram praticamente sem ninguém. “Os guerrilheiros quando chegam às aldeias desertas, queimam as casas e as lojas e se encontram alguém que se recusou a fugir, matam-no”, descreveu o Padre Claudino Gomes à Fundação AIS.

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

LÍBANO

A Fundação AIS Internacional recebeu com profunda preocupação o apelo urgente lançado por D. Georges Iskandar, Arcebispo Melquita Greco-Católico de Tiro, relativamente à insegurança que afecta a cidade de Tiro, no sul do Líbano, e, em particular, o seu bairro histórico. Regina Lynch, presidente internacional da fundação pontifícia, expressou a solidariedade da instituição para com a comunidade cristã local e todos os civis que permanecem na cidade, especialmente famílias, crianças, idosos e os mais vulneráveis. “Estamos particularmente preocupados com a segurança dos habitantes do histórico bairro cristão e com a preservação de uma presença cristã que está enraizada em Tiro desde os tempos apostólicos”, disse a responsável.

TERRA SANTA

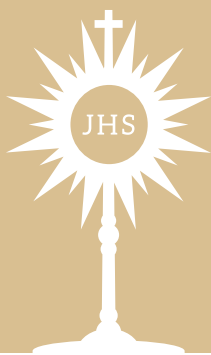
Num discurso dirigido em Junho aos representantes da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, o Abade beneditino Nikodemus Schnabel apresentou um relato cru e pessoal sobre a frágil e cada vez menor presença cristã na Terra Santa. A imagem de Jerusalém como um coração vibrante do Cristianismo contrasta fortemente com a realidade vivida hoje pelos fiéis. Num discurso impactante aos directores nacionais e representantes da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, o Abade Nikodemus descreveu a situação sombria dos Cristãos na região como uma “minúscula” minoria, marcada pela guerra, dificuldades económicas, incerteza e um êxodo constante.

IRAQUE

Paróquias em todo o mundo, incluindo comunidades católicas caldeias na diáspora, assinalam o aniversário do assassinato do Padre Ragheed Ganni, celebrando Missas e rezando pela Igreja perseguida. O padre iraquiano foi assassinado com um tiro na cabeça a 3 de Junho de 2007, há 19 anos. Morreu, juntamente com mais 3 subdiáconos, após ter celebrado a Eucaristia na Paróquia do Espírito Santo, em Mossul. Tinha 35 anos. O processo de beatificação deste sacerdote mártir, que se formou graças ao apoio da Fundação AIS, está em marcha.

MOÇAMBIQUE

O assassinato, a 6 de Junho, de F. Osório Afonso, Bispo de Quelimane, levou os bispos de Moçambique a publicar uma Nota Pastoral de “repúdio”, classificando o crime como “vil e cobarde”. Os prelados afirmam que o assassinato de D. Osório Afonso não foi apenas “uma tentativa de silenciar a voz da fé, da justiça e da paz”, mas também um atentado contra a própria missão da Igreja, e exigem às autoridades o esclarecimento rigoroso e com celeridade dos contornos do crime, lembrando que cabe ao Estado garantir a segurança dos cidadãos.



CAPELAS DE ADORAÇÃO PERPÉTUA

*Adoração
24 horas*

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (QUELUZ)

Conheça a história da Capela de Adoração Perpétua!

A Capela de Adoração Perpétua da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Queluz foi inaugurada a 31 de Maio de 2023. Desde então, o Santíssimo está exposto ininterruptamente. Para que esta cadeia não se quebre, muitos adoradores estão inscritos em diferentes horários.

A Adoração Eucarística é uma Graça que nos é dada por Deus. Possibilita-nos um encontro mais íntimo com Ele, com potencial para transformar a vida de quem adora.

Se ainda não está inscrito, inscreva-se num dos horários e adira a esta iniciativa!

“Para as almas apaixonadas por Deus, horas passadas diante de Jesus no Santíssimo Sacramento parecem momentos.”

Santo Afonso de Ligório

Venha ser um Adorador Perpétuo!

Capela de Adoração Perpétua - Paróquia de Queluz

- > Complexo Paroquial - Rua Paulo Reis Gil, Queluz
- > (+351) 21 435 1166
- > capelaadoracaoperpetuaqueluz@gmail.com



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt